

2 Multimodalidade: Questões para o ensino, uma visão de sala de aula

“O tema de hoje, Semiótica e Sociedade, é amplo e abrangente. Perguntamos: existe uma perspectiva comum? O homem se move na sociedade através do uso de signos. Não só pelo meio de palavras, mas também de gestos, imagens, sons não-linguísticos, num processo de semiose, infinito, de geração constante e contínua de interpretantes.”

Mônica Rector ¹

O que é multimodalidade? – Essa é a pergunta que sempre ouço quando menciono meu tema de mestrado, sejam eles ouvintes acadêmicos, professores licenciados ou apenas leigos. O desconhecimento do tema é uma constante. No entanto, é uma surpresa que tanto professores e graduandos de Letras desconheçam o tema, uma vez que o uso de recursos visuais seja uma tradição no ensino de EFL. A tradição histórica do uso de imagens estáticas e dinâmicas no ensino de EFL nos leva a esperar que o tema multimodalidade esteja no currículo dos cursos de Letras de Línguas Estrangeiras e seja do conhecimento de graduados e graduandos. Como isso não correspondeu à realidade observada na pesquisa, é preciso explicitar o tema.

Falar em multimodalidade não é somente falar em múltiplos modos de transmitir mensagem e conhecimento: através de imagens, músicas e filmes. A multimodalidade também está na língua/linguagem, como afirma Kress e Van Leeuwen:

“Língua/Linguagem, por exemplo, é um modo semiótico porque pode se materializar em fala ou escrita, e a escrita é um modo semiótico

¹ Retirado da Apresentação do Anais do Primeiro Colóquio de Semiótica da PUC/RJ, 1978.

também, porque pode se materializar como (uma mensagem) gravada em uma pedra, como caligrafia em um certificado, como impressão em um papel, e todos esses meios adicionam uma camada a mais de significado.”^{*2}

Assim, todo texto pode ser multimodal, mesmo que só tenha texto escrito. O simples destaque do título, os usos de diferentes tipos de letras, tamanho, cor, tornam qualquer texto multimodal. E esses multimodos que causam destaques pela formatação com cor, negrito, itálico, tamanho da letra carregam significado. Daí vem a multimodalidade. A multimodalidade transmite mensagem além do conteúdo em si. Um texto corrente, sem destaque nenhum é uma coisa. No entanto, se colocarmos uma linha de espaçamento entre o título e resto do texto, o título já se destaca. Se aumentarmos o tamanho da letra desse título o destacamos mais ainda. E se colocarmos uma das palavras do título em negrito ou caixa alta, chamaremos mais atenção para essa informação, ou seja, os elementos de formatação textual em si, quando utilizados, já tornam o texto multimodal, mesmo que ele não tenha imagem alguma. Partimos do princípio, então, que todo texto é multimodal. Nosso foco, no entanto, será a utilização de textos escritos e exercícios multimodais com imagem em sala de aula de Língua Inglesa.

2 “Language, for instance, is a semiotic mode because it can be realized either as speech or as writing, and writing is a semiotic mode too, because it can be realized as engraving in stone, as calligraphy on certificates, as print on glossy paper, and all these media add a further layer of signification.” (Kress & Van Leeuwen, 2001)

2.1. A aparente Monomodalidade na escola e Multimodalidade na Realidade

Na sala de aula, de um modo geral, a monomodalidade é uma constante, privilegiando sempre a língua. (Lembrando que do ponto de vista da semiótica, a própria organização do texto e os destaques dados por espaçamento, tamanho de letra, estilo e fonte fazem de todo texto multimodal, mesmo só contendo o código escrito). Mas, algumas mudanças globais e tecnológicas vêm mostrando que o homem está mudando a forma de comunicação no mundo e conseqüentemente a sala de aula também está passando por mudanças, ou pelo menos, deveria. Nos anos 40, as capas de jornal continham apenas linguagem escrita, com destaque apenas para o tipo de letra e o estilo da letra (negrito ou não), como na capa do Jornal do Brasil de 1940 (imagem 1). Já em uma edição de 1996, cerca de 50 anos depois, 3 das 4 manchetes têm imagens/ fotos relacionadas (imagem 2). Tal observação é feita por Kress, em “Multimodality: changes to think about Language”:

“... o jornal de, vamos dizer, 1960 e até 1970 está coberto de texto impresso; é mais provável que seu sucessor em 2000 tenha muito mais espaço cedido a imagens de que a texto. Isso tem um efeito na linguagem em si, no que ela faz, ou tem intenção de fazer? As imagens são usadas meramente para atrair o leitor, para decorar, para satisfazê-lo? Ou elas têm o papel de comunicar?”³

³ “... the newspaper of, say, 1960 and even 1970 is covered in print; its successor paper in 2000 is most likely to have a lot more space given over to image than to print. Does this have an effect on language itself, on what it does, and on what it is asked to do? Are images there merely to entice the reader, to decorate, to please? Or do images now have full communicational roles?” (Kress 2000)



Figura 1 Jornal do Brasil de 1940 (fonte: jblog.com.br)



Figura 2⁴ Jornal do Brasil de 1996 (fonte: jblog.com.br)

Na literatura, também identificamos essa mudança no meio de comunicação. Em 1928, Mário de Andrade lançou a obra *Macanaima*, cuja capa continha apenas o título, o nome do autor, o ano e cidade de edição (imagem 3). Já a atual capa, a venda nas livrarias, é toda desenhada, como uma tela de pintura e

⁴ A imagem original é colorida.

contém apenas o título (imagem 4). Em “Multimodal Discourse – the modes and media of contemporary communication”, Kress e Van Leeuwen apontam essa mudança, na qual a monomodalidade perde lugar para a multimodalidade, através das mudanças nos meios de comunicação que passaram a dar espaço para outros meios além do lingüístico. Imagens encontraram espaços em jornais, livros, relatórios e documentos oficiais. Com o advento da Internet, e dos celulares com acesso à web, os jornais, as revistas on-line e websites passaram a explorar muitos outros recursos como: música, vídeo e animações, para passar informações. A tecnologia, segundo Kress e Van Leeuwen, ajudou muito ao desenvolvimento do uso de recursos semióticos na comunicação.

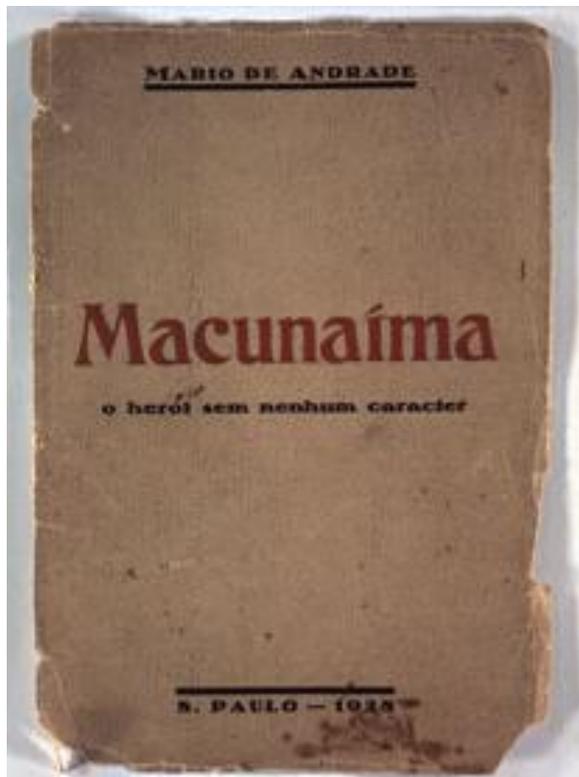


Figura 3 Capa da obra *Macunaíma*, de 1928

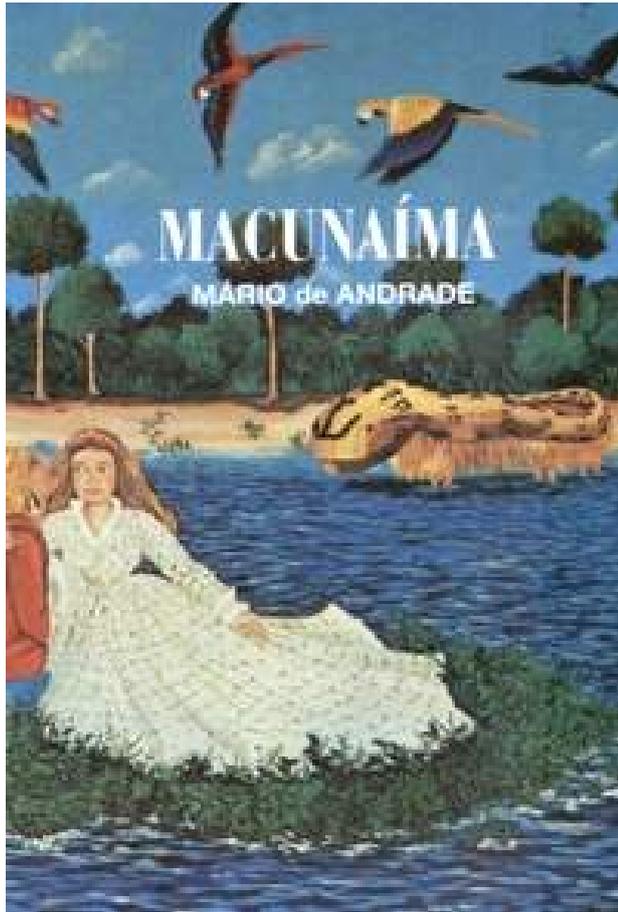


Figura 4 Capa da obra *Macunaíma*, de 2009

Todas essas mudanças vêm levando a escola, os professores e as salas de aula a modificarem-se, primeiramente, no intuito de tornarem-se mais atraentes aos alunos, e também para estarem condizentes e coerentes com o mundo que vivemos hoje, um mundo de palavras, imagens e sons: um mundo multimodal, provendo o aluno de instrumentos que possam ajudá-lo a desenvolver estratégias para ler (entender) textos e recursos multimodais e produzi-los. Ou pelo menos deveriam.

Neste sentido, tendo em vista o trabalho com textos multimodais é importante levarmos em conta a proposta de Gillian Rose em “Visual Methodologies: an introduction to the interpretation of visual materials” que apresenta o conceito de cultura como crucial, uma vez que cientistas sociais entendem processos sociais, identidades sociais, e mudanças e conflitos sociais através desse conceito. Assim, se a imagem utilizada não for de conhecimento de certas culturas, seus membros são incapazes de lê-las ou ter o mesmo

entendimento da pessoa que as produziu. Outro aspecto que a autora aponta é a importância da imagem na cultura ocidental e do peso da representatividade que certas imagens podem ter quando usadas, justamente, pelo seu alto grau de significado. Assim, a autora afirma que aquilo que é visto (vision) e como é visto (visuality) são culturalmente construídos. Certas representações são tão construídas e enraizadas na cultura que com o tempo elas mudam, mas aquilo que elas representam é tão forte que continuam perpetuando na cultura. Por exemplo, há muito tempo o presidente Lula não é pobre, mesmo antes de ser eleito presidente, mas sua imagem ainda é culturalmente a representação do pobre, do trabalhador, símbolo dos trabalhadores, assim o signo supera o que ele representa, torna-se mais forte.

Sturken e Cartwright, também abordando o mundo multimodal em que vivemos, discutem a questão da representação como reflexo do mundo ou co-construído dentro dele. Segundo elas:

“Representação se refere ao uso da linguagem e das imagens para criar significados sobre o mundo à nossa volta.”⁵

As autoras refletem sobre até que ponto esses sistemas de representação refletem o mundo a nossa volta ou se, por outro lado, construímos o mundo e seus significados através desses sistemas de representação que usamos. Por exemplo, por que os meninos usam azul e meninas usam rosa? A correspondência cultural entre menino e azul, e menina e rosa é reflexo do mundo, ou esse significado foi construído através da cultura pelo sistema de representação? Por isso, quando resolvemos utilizar imagens é preciso levar em conta essa questão da representação.

2.2. Pressupostos Teóricos

“Toda teoria delimita uma certa ‘região’ de realidade como seu objeto de estudos”⁶

⁵ “Representation refers to use of language and images to create meaning about the world around us.” Sturken e Cartwright, 2001

⁶ (Borges Neto, 2004).

Assim, é preciso distinguir o objeto observacional (aquele que existe na realidade) e o objeto teórico (o objeto observacional delimitado segundo nosso foco e interesse). Inicialmente, é preciso delimitar o objeto de estudo, o objeto teórico e para isso, abordaremos os seguintes paradigmas para nossa observação:

- o O conceito de comunicação e de competência comunicativa,
- o O conceito de texto, e
- o Relação entre imagem e texto: uma introdução.

Isso se faz necessário justamente porque a multimodalidade, em particular a imagem, é um recurso “extralingüístico”. Precisamos, então, abordar os paradigmas para justificarmos a importância do estudo multimodal na “área” da linguagem.

2.2.1. O conceito de comunicação

De modo geral, o modelo clássico de comunicação apresenta os seguintes elementos: emissor, receptor, referente, código, mensagem e canal de comunicação (VANOYE, 1996). Segundo o modelo apresentado por Vanoye, o emissor é quem emite a mensagem, o receptor é quem recebe a mensagem, a mensagem - que é o objeto da comunicação - é constituída pela informação transmitida, o canal de comunicação é o meio pelo qual a mensagem circula (voz, palavras, músicas), e o código é um conjunto de signos e regras de combinação destes signos. Neste modelo, a codificação é feita pelo emissor e a decodificação destes signos é feita pelo receptor. A comunicação pode ser feita de quatro maneiras, segundo Vanoye, dependendo do repertório de signos do emissor e do receptor, e ela pode ou não ocorrer dependendo deste repertório de signos. Este modelo apresentado por Vanoye em “Usos da linguagem – Problemas e técnicas na produção oral e escrita” é muito similar a “Teoria Matemática da comunicação de Claude Shannon (1949)”, e as duas teorias se encaixam muito bem no modelo de comunicação verbal de Roman Jakobson de 1963. Os três modelos são lineares, se prendem ao par emissor-receptor, e são unilaterais partindo da esquerda para a direita. O último esquema, o de Jakobson, tornou-se o modelo de comunicação nas Ciências Sociais, nos Estados Unidos e na Europa, que Winkin chama de Modelo Telegráfico da Comunicação em A Nova Comunicação 1998.

Apesar deste modelo ganhar uma posição dominante no estudo da comunicação e da linguagem nos Anos 50 e de alguns pesquisadores americanos tentarem começar, do estágio zero, o estudo da comunicação interpessoal, sem abordarem o modelo de Shannon, e de nos anos 70 estes pesquisadores defenderem uma nova teoria da comunicação, ainda hoje os livros didáticos da educação básica apresentam o modelo telegráfico da comunicação.

Apesar do Modelo Telegráfico estar cristalizado na Educação Básica, não partiremos deste modelo para entender o caráter da comunicação. Pesquisadores a partir dos anos 50, deixam de lado o modelo de Shannon, afirmando que ele concebia a comunicação como um modelo “engessado” cujos emissor e receptor teriam a capacidade de codificar e decodificar perfeitamente as mensagens, do contrário a comunicação não ocorreria. Neste modelo a comunicação entre dois indivíduos seria um ato verbal consciente e voluntário. Estes pesquisadores retomam a pesquisa sobre a comunicação interpessoal do ponto de vista de proposições filosóficas antigas do historiador natural, do ponto de vista do historiador do comportamento natural (utilizado na sociedade nas várias atividades realizadas pelos seres humanos). A partir da observação, a pesquisa sobre a comunicação entre os homens começaria ao lançar da pergunta: “dentro os milhares de comportamentos corporalmente significativos possíveis, quais são aqueles retidos pela cultura para constituir conjuntos significativos?” Este questionamento gera um postulado:

“ a existência de um código do comportamento. Esses códigos selecionariam e organizariam o comportamento pessoal e interpessoal, regrariam sua apropriação ao contexto e, portanto, a sua significação.”⁷

Assim, segundo essa nova visão (de Paul Watzlawick, Janet H. Beavin e Don Jackson), todo homem viveria em e por códigos (inconscientemente) e a comunicação seria involuntária (pois não haveria como não comunicar) e *COMUNICAÇÃO seria toda a utilização desses códigos*, não podendo ser restrita a um ato verbal. A comunicação para esses pesquisadores seria um processo social

⁷ Winkin, 1998

e contínuo que integra múltiplos modos de comportamento: fala, gesto, mímica, sendo assim, “*A comunicação é um todo integrado*”. Esse “novo” conceito de comunicação, que adotaremos neste trabalho não passa pelo modelo linear de Shannon, não podendo ser apontado como modelo telegráfico, mas como modelo orquestra, como aponta o pesquisador Albert Scheflen na citação de Winkin⁸:

“Se colocarmos que a forma da composição musical em geral é análoga à estrutura da comunicação americana, variantes particulares da música (por exemplo, uma Sinfonia, um concerto, etc.) podem ser entendidas como análogas a estruturas comunicativas especiais (por exemplo, uma psicoterapia). Assim, uma fuga para o quarteto de cordas é uma honesta analogia de psicoterapia num grupo de quatro pessoas. Ao mesmo tempo no quarteto e na sessão psicoterapêutica, há execução (performance) das estruturas. Em cada caso, a execução mostrará um estilo e algumas particularidades próprias, mas também seguirá uma linha e configurações gerais. A diferença entre essas duas estruturas é que a composição musical possui uma partitura explícita, escrita e conscientemente aprendida e repetida. A ‘partitura’ da COMUNICAÇÃO não foi formulada por escrito e em certa medida, foi aprendida conscientemente.”

Essa analogia da orquestra enfatiza que participamos do fenômeno da comunicação mais do que sendo um ponto de origem ou chegada da mensagem. Abordar o modelo de comunicação como processo SOCIAL, que integra múltiplos MODOS (além do verbal), como ORQUESTRA, no qual juntos “construímos o concerto, a sinfonia”, como INCONSCIENTE E INVOLUNTÁRIO “suporta” o estudo da multimodalidade no ensino de Língua Inglesa, uma vez que o uso da língua é um processo também social, integra - como o próprio nome diz – o uso de múltiplos modos (verbais e não verbais). Ou seja, os indivíduos (alunos) ao utilizarem a língua Inglesa constroem a comunicação que depende deles, do seu desempenho e escolhas neste processo social. Justamente, pelo caráter INCONSCIENTE e INVOLUNTÁRIO da comunicação e do uso da língua na mesma, o ensino abordando a multimodalidade aponta para percepção de que é preciso observar nossas escolhas (verbais e não-verbais) como participantes da comunicação justamente por ela acontecer mesmo sem que queiramos comunicar. Apesar de a comunicação ser

⁸ Winkin, 1998, p.33

inconsciente e involuntária, ou seja, acontecer aquém da vontade do “emissor”⁹ através da leitura de gestos e falas pelo “receptor”, o conhecimento do possível significado de gestos, falas, imagens, posturas e da própria entonação, podem tornar os indivíduos capazes de controlar a comunicação e torná-la mais consciente e voluntária, sabendo que nem sempre o “receptor” pode interpretar a mensagem da maneira que o “emissor” planejou.

Como os professores de língua desenvolvem a competência comunicativa? E qual competência comunicativa? A competência comunicativa defendida por Canale (1990) que compreende apenas as competências: gramatical, sociolingüística, discursiva e estratégica. No entanto, a **COMPETÊNCIA COMUNICATIVA MULTIMODAL** definida por Royce (2002) inclui a habilidade de usar estratégias para interpretar textos compostos por palavras e imagens e habilidade de se comunicar através desses textos compostos, e é justamente essa competência comunicativa que acredito ser a ideal a ser desenvolvida no mundo multimodal de hoje. Desenvolver a competência comunicativa multimodal inclui a consciência do que de fato é a multimodalidade e de que há ideologias embutidas na escolha de recursos multimodais, assim como na sua interpretação.

2.2.2.O conceito de texto

O “Curso de Linguística Geral” de F. de Saussure de 1916 (obra póstuma), que a partir dos anos 40 - época em que a Sociedade de Linguística de Genebra se lançou - passou a ganhar o posto de ‘teoria-piloto’ das ciências sociais, cujo ápice da fama ocorreu no início dos anos 1970, marcou a defesa do cientificismo da linguística e da independência da mesma de outras ciências, justamente por entender que a língua seria seu objeto de estudo. Sendo assim, há uma tendência na consideração de ter como estudo da linguística elementos exclusivamente linguístico, justamente por essa característica de elevar a linguística à categoria de ciência autônoma.

⁹ Emissor e receptor estão entre aspas porque entendemos que essa visão linear da comunicação é ultrapassada, pois emissor e receptor alternam seus papéis com a alternância de turnos de fala. No entanto, emissor, nesse caso específico, seria aquele que está falando, no momento, e receptor o que está ouvindo e interpretando a mensagem.

Dentro da perspectiva tradicional, o texto é visto apenas como um conjunto de elementos linguísticos, falado ou escrito, que compõem uma unidade. Fato observado também na definição do Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, edição de 1986, no qual o Texto é um

“Conjunto de Palavras, de frases escritas: o texto de um livro, de um estado, de uma inscrição, manuscrito ou impresso (por oposição à ilustração)”.

Em livro da área de Linguística de 1973, “Linguística e Teoria de Texto”, no entanto, o lingüista Alemão Siegfried Schmidt, com a preocupação de uma abordagem do texto vinculada à atuação, ou seja, a língua passa a ser abordada dentro do processo da atuação verbal, observada com a orientação para a comunicação. A preocupação de autonomia da linguística passa a ser substituída pela preocupação em associar a comunicação linguística com a social. Nesse sentido Siegfried Schmidt propõem a retomada do conceito de texto, que tradicionalmente, segundo ele, é definido na linguística de texto por meios exclusivamente linguísticos, “como uma unidade puramente linguística”. Em “Linguística e Teoria de Texto”, Schmidt afirma que:

“o texto deve ser abordado não como um fenômeno meramente linguístico, mas a partir de um modo de ‘textualidade’”.¹⁰

Schmidt propõe a hipótese da textualidade que seria uma estrutura dupla, ou seja, uma estrutura onde o texto seria abordado tanto do ponto de vista linguístico quanto social. O lingüista alemão passa a chamar de textualidade essa abordagem maior da comunicação que englobaria elementos linguísticos e não-linguísticos.

“...textualidade é o modo de manifestação social universal, válido para qualquer língua e necessário para a efetivação de qualquer tipo de comunicação. Sob o ponto de vista do sistema de atuação social chamado ‘comunicação’, a textualidade funciona como forma

¹⁰ Siegfried, 1973, pg. 163.

normativa de manifestação e realização da atuação sócio-comunicativa mediante a linguagem no sentido mais amplo”.¹¹

Essa visão sócio-comunicativa do texto, pela influência da pragmática, aborda não só os enunciados de ordem linguísticas como também os elementos não linguísticos, considerando a interação dos indivíduos presentes na comunicação: os meios de comunicação, o momento e o lugar da interação, e os atos que acompanham a comunicação. Apesar de não tratar da imagem, ao adotar uma abordagem mais ampla para linguagem e comunicação, Schmidt abre o precedente para a inclusão de imagens nessa análise de “textualidade” que engloba elementos não linguísticos.

Segundo o linguísta australiano Michael A. K. Halliday, em *Introdução à Gramática Funcional*¹² de 2004, em referência ao seu trabalho de 1976, texto¹³ é qualquer exemplo de linguagem, em qualquer mídia, que faça sentido para alguém que conheça aquela linguagem. A amplitude dada por Halliday em “qualquer exemplo de linguagem” mostra o aspecto modo, pois com essa afirmação podemos abordar tanto a linguagem escrita quanto a falada, a gestual ou a gráfica, que como Halliday mesmo afirmou pode vir expressa em qualquer mídia: história escrita pode ser lida ou encenada, uma fala pode ser ouvida ou estar transcrita, um gesto pode ser feito ou ser desenhado como os desenhos em um dicionário de LIBRAS¹⁴, uma imagem pode ser desenhada ou ser uma foto.

O conceito de texto de Halliday é arrojado e considera a imagem em si, sozinha, um texto, não verbal, é claro, pois abre bem o conceito de texto com a afirmação “any instance of language that make sense”. A afirmação de Halliday dá embasamento para o presente trabalho, pois para o estudo da multimodalidade no ensino de língua, consideramos a imagem um elemento extra linguístico textual, e juntos o texto verbal (linguístico) e o não verbal (imagem) formam o texto.

¹¹ Siegfried, 1973, pg. 164.

¹² Título Original *Introduction to Functional Grammar*.

¹³ “...The ‘term’ text refers to any instance of language, in any medium, that makes sense to someone who knows the language.” (Halliday, 2004: 3)

¹⁴ Língua Brasileira de Sinais.

2.2.3. Visão de Ensino – Aprendizagem

Nosso foco em estudar o uso de textos multimodais no ensino de Língua Inglesa em sala de aula, torna necessário que falemos sobre ensino-aprendizagem. Na pedagogia tradicional, o ensino-aprendizagem se pauta na “educação bancária”, o professor detentor do conhecimento ‘deposita’ seu conhecimento no aluno. Segundo o professor e pesquisador Franc Morandi, “as pedagogias transmissivas se apóiam em um esquema orientador de ensinamentos que se baseia na missão¹⁵ do professor e na receptividade e (boa vontade) dos alunos. (...) Os erros dos alunos não encontram lugar nesse esquema.” (2008, p.50) Essa pedagogia tradicional se baseia no caráter regulador do saber estabelecido e na concepção de um mundo comum cujos conhecimentos são patrimônio e devem ser transmitidos e mantidos. Dessa forma, a pedagogia tradicional e transmissiva não estabelece diálogo com o conhecimento, as dificuldades e os erros dos alunos, pois como afirma Morandi, ela pressupõe uma transparência ideal entre o que e como o professor ensina (saber preciso e como verdade absoluta) e a recepção precisa de todos os alunos, uma transferência perfeita de conhecimento. Pressupõe um ideal de transmissão e um ideal de recepção, enxerga a relação pedagógica como um canal simples, exatamente acompanhando o modelo telegráfico de comunicação. Do mesmo modo que adotamos, como mencionado no item 2.2.1, o novo modelo de comunicação conhecido como Orquestra, que entende a comunicação como complexa, dinâmica, e socialmente construída, adotaremos uma visão de ensino-aprendizagem compatível com o modelo Orquestra de comunicação, que vai além da educação bancária e transmissiva, baseada nos estudos do pensador e psicólogo ligado a questões educacionais, Lev S. Vygotsky.

Certamente, a sua formação, digamos, diversificada e “sua vinculação com as Artes, a Literatura, a Semiótica e a Educação lhe proporcionou uma visão mais ampla das questões psicológicas” e a possibilidade de ele dar grandes contribuições à educação, e indiretamente a fundamentar o presente trabalho. Sua múltipla formação – bacharel em Literatura, Direito e História, estudioso e teórico da Psicologia da Arte, pesquisador da origem da linguagem e do pensamento, fundador do Laboratório de Psicologia da Criança Deficiente, revolucionário da psicologia (pois ciência da época não respondia a seus questionamentos ao estudar

¹⁵ Missão do professor de transmitir conhecimento.

a psicologia da arte¹⁶) – que tornaram os estudos de Vygotsky intertextuais, transversais e fundamentais de serem abordados na pesquisa de ensino com uso de textos multimodais. O ensino-aprendizagem, segundo Vygotsky, vai de encontro com a pedagogia tradicional e transmissiva. Para Vygotsky, aprendizagem e desenvolvimento estão entrelaçados e interligados, e a criança começa a aprender muito antes de entrar na escola e ter contato com o ensino sistematizado. Segundo ele, “a aprendizagem nunca parte do zero, pois antes de seu ingresso na escola a criança vive uma série de experiências. Ela aprende a falar, nomeia objetos, conversa com adultos e companheiros, adquire informações, obtendo respostas às suas perguntas, imita comportamentos, realiza atividades com quantidades e operações. (...) A criança utiliza esses conceitos sem estar consciente deles, pois sua atenção está sempre centrada no objeto ao qual o conceito se refere e nunca no próprio ato do pensamento”. (Freitas, 2006, p. 101) É, justamente, por meio da aprendizagem escolar que a criança passa a ter conscientização de seus próprios processos mentais. Foi também Vygotsky quem criou um dos conceitos mais cruciais no desenvolvimento da aprendizagem, a zona de desenvolvimento proximal. Ela define a diferença entre o nível de desenvolvimento real da criança, o que ela é capaz de fazer sozinha e o de desenvolvimento potencial, o que ela pode fazer com a ajuda de um orientador, adulto ou não. Com base nesse conceito, identificamos até onde o aluno aprendeu e o que precisamos fazer para que o nível de desenvolvimento potencial se torne nível de desenvolvimento real.

Desenvolver o trabalho de multimodalidade com textos multimodais, é uma forma de tornar o aluno capaz de ler textos multimodais e produzir textos multimodais, elevando seu nível de desenvolvimento potencial em desenvolvimento real quanto ao tema multimodalidade textual, crescente e presente no mundo atual.

2.2.4. Relações entre imagem e texto: uma introdução

Nenhuma descrição é melhor para o campo que aborda a comunicação visual do que a classificação de Arlindo Machado: “terreno Movediço”. Ele afirma na contracapa do livro “Imagem – Cognição, Semiótica, mídia” que os

¹⁶ Foram também seus estudos da psicologia da arte que o levaram a enveredar pelos estudos em semiótica e posteriormente a estudar a linguagem.

autores Lucia Santaella e Winfried Nöth lançam “um pouco de luz sobre o terreno no movediço das comunicações visuais”, contradizendo as supostas “perigosas teorias sobre a irreducibilidade das imagens ao discurso verbal”. Teorias que Machado classifica como letargia e preguiça mental, uma vez que o livro citado acima é capaz, segundo ele, de funcionar tanto como fundamentação teórica quanto como instrumental para análise de imagens. Se o campo da comunicação visual pode ser descrito como “terreno movediço”, mais “perigoso” será se estivermos trabalhando dentro do ensino de língua e estivermos trabalhando com comunicação visual juntamente com código linguístico. Assim, como afirma Arlindo, também aqui as afirmações de Santaella e Nöth nos trarão um pouco de luz, em especial na relação entre imagem e texto verbal.

A relação dada por Santaella e Nöth entre imagem e texto é justamente a que se enquadra na abordagem desde trabalho sob a ótica de Van Leeuwen e Gunther Kress e seu discurso multimodal que apresentaremos mais a frente:

“A relação entre a imagem e seu contexto verbal é íntima e variada. A imagem pode ilustrar um texto verbal ou o texto pode esclarecer a imagem na forma de um comentário. Em ambos os casos a imagem parece não ser suficiente sem o texto, fato que levou semioticistas logocêntricos a questionarem a autonomia semiótica da imagem.” (Santaella e Nöth, pg. 53)

Assim, em princípio, nos parece que a imagem depende do texto. Seria então a imagem algo complementar e descartável? Como apontar a relevância da multimodalidade, ou seja, da importância da imagem – nosso foco neste trabalho – se ela é complementar ao texto? Ao citar Barthes, Santaella e Nöth, mostra que ele se fez esse mesmo questionamento sobre a redundância da imagem, se ela apenas duplicaria informações contidas no texto. A resposta dos autores para o questionamento de Barthes repousa na relação contínua entre imagem-texto apontada por Kalverkämper (1993:207) que vai da redundância a informatividade e se diferencia, segundo o professor alemão em três casos:

“... (1) A imagem é inferior ao texto e simplesmente o complementa, sendo, portanto, redundante. Ilustrações em livros preenchem ocasionalmente essa função, quando, por exemplo, existe o mesmo livro em uma outra edição sem ilustrações. (2) A imagem é superior ao texto e, portanto, o domina, já que ela é mais informativa do que ele. Exemplificações enciclopédicas são freqüentemente deste tipo: sem a imagem, uma concepção do objeto seria muito difícil de ser

obtida. (3) Imagem e texto têm a mesma importância. A imagem é, nesse caso, integrada ao texto.”

Atualmente, no mundo multimodal onde vivemos, na maioria das vezes a relação entre imagem e texto, principalmente nos meios de comunicação informativos, é a terceira, e a mensagem a ser transmitida depende da interrelação destes dois modos de comunicação, ou seja, a imagem é integrada ao texto e uma vez um seja separado do outro, algo se perde.

Assim, partimos para a reflexão sobre multimodalidade na sala de aula de língua inglesa, delimitando nosso objeto observacional a partir dos seguintes pressupostos teóricos:

- o o ensino de língua inglesa como língua estrangeira, na qual o objetivo final é a comunicação,
- o a comunicação é encarada como um processo social que acontece através de múltiplos modos que vai além da linguística, como um todo integrado,
- o a competência comunicativa a ser ensinada nas salas de aula de língua deve ser a que inclui a produção e o entendimento de textos compostos,
- o o conceito de texto é mais amplo que o defendido pela tradição e vai além do código lingüístico, incluindo imagens, e
- o a relação entre imagem e texto que nos interessa mais é aquela na qual texto e imagem são parte de um todo e juntas informam mais que se tratadas separadamente, mas é relevante lembrar que a relação imagem-texto tem 3 níveis, para os quais alunos-leitores devem estar preparados.

Uma vez delimitado o objeto observacional, passemos a análise do discurso multimodal apontado por Kress e Van Leeuwen, que achamos necessária para que no ensino de línguas os alunos saibam lidar com os textos multimodais que encontram no mundo real.

2.3.Perspectivas de Multimodalidade como novidade

O mundo não muda, o homem e a maneira como vê o mundo é que muda.

Em 2008, cursando a disciplina Multimodalidade, me deparei com a novidade – MULTIMODALIDADE. A multimodalidade nada mais é do que quando múltiplos modos comunicam uma idéia de forma redundante ou complementar. Há relação de comunicação é redundante quando modos diferentes trazem a mesmíssima informação, elucidativa quando um dos modos elucidada a informação do outro e complementar quando juntos os modos trazem uma terceira informação que separados cada um não passaria, isto seria, uma simplificação da classificação de Kalverkämper da relação entre texto e imagem, que é nosso foco.

A questão é que essa novidade não tem nada de novo. Em 1867, Charles Peirce foi o primeiro a falar sobre “os modos como o homem significa o que o rodeia”. Porque falar sobre multimodalidade é falar sobre múltiplos modos de significar o que nos rodeia, e abordar a multimodalidade é levar em conta esses múltiplos modos de produzir e entender textos multimodais. O estudo dos “modos como o homem significa o que o rodeia” é a semiótica, ou seja, é a ciência geral dos signos, que estuda a relação entre os dois planos do signo, o significante e o significado. E isso também não é novidade. Ferdinand de Saussure, contemporâneo de Peirce, considerado o pai da semiótica, foi o primeiro a designar os signos e a reagrupá-los em um sistema mais abstrato e geral, a partir de suas teorizações lingüísticas com o objetivo de elevar a linguística ao nível de ciência. O semiólogo Roland Barthes também já se preocupava sobre a relação imagem texto nos anos 60.

Assim, se os múltiplos modos de expressão e representação de idéias já eram foco de estudo há tanto tempo, por que a multimodalidade “se tornou” novidade no meio acadêmico agora, e ainda é desconhecida pela maioria dos professores de sala de aula? A resposta é: O mundo não muda, o homem e a maneira como ele vê o mundo é que mudam. Atualmente, a maneira como nos relacionamos com o mundo é cada vez mais multimodal, os textos que produzimos são diferentes, criamos novas tecnologias e novas mídias, passamos a dar mais importância a certas mídias e alguns modos passaram a se destacar por causa destas mídias. Mas, qual a diferença entre modo e mídia?

2.3.1. Multimodalidade: Modo X Mídia

A melhor maneira de explicar modo e mídia são os exemplos de Kress e Van Leeuwen. Segundo estes autores, a língua é um modo semiótico, pois pode se realizar de duas maneiras pela oralidade e pela escrita. A escrita também é um modo semiótico, pois pode se realizar através da gravação em uma rocha, como caligrafia em um convite de casamento, impressa em um papel, ou seja, o modo é a maneira pela qual podemos nos comunicar e a mídia o material pelo qual realizamos a comunicação.

Sigrid Morris define modo utilizando citação de Kress e Van Leeuwen:

“Modos são essencialmente sistemas de representação, como a proxemia¹⁷, a postura, o movimento de cabeça, os gestos, a linguagem falada, o layout, a impressão, a música, e outros a citar. Um sistema de representação ou modo de comunicação é um sistema semiótico com regras e regularidades agregados a ele (Kress e Van Leeuwen, 2001).”¹⁸

De acordo com Gunther Kress, apesar de praticamente *todo o texto utilizar dois modos de comunicação*¹⁹, os “professores de Inglês de falantes de outras línguas” (TESOL²⁰) privilegiam o texto, a linguagem escrita. Essa idéia pôde ser confirmada, no Primeiro Congresso de EAD²¹ realizado no Brasil, na UFRJ, no qual estive presente, em 2000. Apesar de todos os recursos já disponíveis na Internet – áudio, vídeo, animações, imagens estáticas e dinâmicas, o que ainda se viam, em sites e portais de educação e cursos a distância, era o uso somente ou

¹⁷ Proxemia é um substantivo relativo ao adjetivo proxêmica. A definição de Proxêmica foi retirada do dicionário on line Wikcionário. “O termo **proxêmica** (*proxemics*, em inglês) foi cunhado pelo antropólogo Edward T. Hall em 1963 para descrever o espaço pessoal de indivíduos num meio social, definindo-o como o ‘conjunto das observações e teorias referentes ao uso que o homem faz do espaço enquanto produto cultural específico’. Descreve as distâncias mensuráveis entre as pessoas, conforme elas interagem, distâncias e posturas que não são intencionais, mas sim resultado do processo de aculturação.”

¹⁸ Sigrid Morris, p. 11, 2004

¹⁹ Segundo Kress e Van Leeweun, todo texto pode ser multimodal, mesmo que só tenha texto escrito. O simples destaque do título, os usos de diferentes tipos de letras, tamanho, cor, tornam qualquer texto multimodal.

²⁰ TESOL também nomeia uma associação internacional de ensino que reúne professores de Inglês de falantes de outras línguas, cuja missão é “desenvolver e manter a excelência de profissionais em ensinar e aprender a Língua Inglesa para falantes de outras línguas”.

²¹ Educação a distância.

primordialmente da linguagem escrita, como que livros digitalizados. Havia várias mídias diferentes para expressar os vários modos de comunicação, mas o modo privilegiado ainda era a linguagem escrita. A semiótica já estava longe de ser uma nova área de estudos, mas os profissionais da área da linguística ainda hesitavam em trabalhar com outros modos que não fosse a linguagem escrita, como se isso fosse “diminuir” o papel da língua ou a independência da linguística como ciência.

2.3.2.As mudanças na mídia e o destaque de alguns modos

Ao fim da primeira década do século XXI, já podemos afirmar que os textos multimodais tomaram: a mídia - jornais, revistas, TV, sites de notícias; os livros didáticos; os telefones celulares e os jogos digitais. Há toda uma gama de informações disponíveis aos alunos para que eles adquiram conhecimento de maneira multimodal, atraente, interessante e divertida.

A comunicação ganhou novos recursos com o desenvolvimento das técnicas de impressão e da mudança do layout dos jornais nos anos 60/70. As imagens passaram a ganhar lugar de destaque e a acompanhar manchetes e textos escritos. Se acompanharmos a “evolução”²² do jornal da arquidiocese do estado de São Paulo, década a década, podemos identificar essa modificação de layout, com o aumento de inserção de imagens, cores e estilo, formato e tamanho de letra. O modo imagem passou a ter mais destaque que antes e a dialogar mais com o texto escrito. Mas, essa “evolução” não é uma particularidade do jornal em questão, mas pode ser observada se analisarmos outros jornais como o Jornal do Brasil, o Jornal O Globo, e demais similares.

Segundo Lens Unsworth, em “Teaching Multiliteracies across the curriculum” (2001), nos anos 80 e 90, as imagens ganharam mais espaço nas publicações didáticas e em textos da cultura popular. Essa importância nas publicações didáticas só veio a aumentar desde então. Ainda nos anos 90 e início do século XXI, os teóricos da comunicação sentiram a necessidade de “re teorizar” a comunicação textual com o intuito de abordar a natureza multimodal dos textos contemporâneos. A definição de **COMPETÊNCIA COMUNICATIVA**

MULTIMODAL por Royce (2002), que agrega à definição de competência de CANALE a habilidade de usar estratégias para interpretar textos compostos por palavras e imagens e habilidade de se comunicar através desses textos compostos, seria um exemplo de “re teorização” desta época. Sara Oliveira, autora de “*Para ler e entender*”, de 2002, aponta esta mesma tendência de destaque do modo imagem.

“‘Imagem é tudo’, apregoa o comercial de TV. Realmente, estamos vivendo intensamente a era do visual. Cada vez mais percebemos o mundo por meio de imagens, ícones, símbolos, gráficos e desenhos. Cada vez mais a linguagem escrita, tradicional e linear como a conhecemos, comunicadora de práticas sociais através dos mais variados tipos de discursos, cede espaço para a ‘mensagem-imagem’ – é a imagem criando/reproduzindo/comunicando valores, crenças e ideologias.”²³

Mais tarde com o advento da Internet, a multimodalidade ganhou maiores proporções e atenção. Os computadores ficaram mais baratos, assim como o acesso ficou mais fácil, barato e rápido. A banda larga foi ganhando espaço, a corrida digital teve início e quem não estivesse na “rede” estava por fora. E estar na rede significava tanto ter acesso como disponibilizar informações via web. Os jornais impressos aos poucos passaram a ser também digitais; a educação a distância começou a ser mais presente, e por razões econômicas e também estratégicas, as novas mídias surgidas passaram a dar ainda mais destaque aos modos: imagem, imagem dinâmica (vídeos e animações). Novamente, esse destaque trouxe à ascensão a semiótica e a multimodalidade. Aos poucos, a necessidade advinda de produzir, entender, “digerir” e “consumir” imagens, trouxe foco para os estudos de “re teorização” da comunicação por imagem e para os estudos semióticos. Anne Frances Wysocki, em “Multiple Media of Texts” ressalta também essa necessidade de analisar e construir textos que utilizam estratégias visuais e aponta caminhos para que isso aconteça.

²² O sentido de evolução aqui deve ser entendido na medida da mudança do periódico na passagem do tempo, ou seja, cada uma de uma série de mudanças de ocorrerem nele, de seu desenvolvimento progressivo; e não no sentido de melhora.

²³ Oliveira, 2006.

“Todo dia nós encontramos textos que contêm palavras, desenhos, cores, gráficos, fotografias, animações, sons, vídeos, dentre outros; algumas vezes esses textos são apenas uma simples página ou uma tela, e algumas vezes temos que navegar através de muitas páginas ou telas para obter o sentido do texto”²⁴ (minha tradução de Wysocki, A.F., *The Multiple Media of Texts*)

Essa mudança de foco também é apontada por Santaella e Nöth em “Imagem – cognição, semiótica, mídia”. Segundo observação dos autores e como também sabemos, a cultura humana tem sido expressa por meio de imagens desde as pinturas pré-históricas das cavernas. No entanto, a “palavra humana”²⁵ passou a tomar proporções homéricas já no século XV, sobrepondo-se ao demais modos de comunicação, em especial à imagem. Somente agora, no século XX, e mais ainda no início do século XXI, a partir as mudanças realizadas pelo homem na indústria gráfica e na área de comunicação, com o progresso e crescimento da informática e da Internet, a abordagem da imagem como meio de comunicação volta ao centro das discussões e retoma estudos de Saussure e Peirce como base. Enfim, a imagem ganha um lugar de destaque na comunicação, ou pelo menos, é elevada ao mesmo patamar de importância que a linguagem verbal.

Em “Literacy in the New Media Age” (2003), Kress destaca as mudanças de dominância e importância das mídias e modos do século XXI:

“Dois fatores distintos ainda que relacionados precisam ser particularmente destacados. São eles: A tomada de dominância da imagem sobrepondo a escrita (por séculos, o modo dominante), e a tomada de dominância da mídia da tela sobre a mídia do livro. Esses dois juntos estão produzindo uma revolução nos usos e efeitos da alfabetização e nos meios de representar e comunicar em todos os níveis e em todos os domínios.”²⁶

²⁴ “ Every Day we encounter texts that hold words, drawings, colors, charts, photographs, animations, sounds, vídeos, and so on; sometimes these texts are a single page or a screen, and sometimes we have to navigate through many pages or screens to gain sense of what the text creators have hope to achieve.” (Wysocki, A.F., *The Multiple Media of Texts*)

²⁵ Acredito que os autores tenham se referido à linguagem humana acrescida ao código escrito.

²⁶ “Two distinct yet related factors deserve to be particularly highlighted. These are, on the one hand, the broad move from the now centuries-long dominance of writing to the new dominance of the image and, on the other hand, the move from the dominance of the medium of the book to the dominance of the medium of the screen. These two together are producing a revolution in the uses and effects of literacy and of associated means for representing and communicating at every level and in every domain.” (kress, 2003)

Kress afirma que o modo da sociedade se comunicar em geral e os meios de comunicação mudaram e estão mudando. Ele chama esse novo momento de “Era das Novas Mídias”²⁷ e exalta o papel que o modo acrescenta na mensagem em si. Segundo Kress, cada modo tem sua lógica e exerce uma influência no significado através do signo do respectivo modo. Assim, nem todo modo parece ser o mais adequado para representar um determinado significado, por conseguinte parece inevitável apontar a importância do estudo e da análise de outros modos como a imagem, sabendo da sua crescente importância e relevância nos meios de comunicação. Podemos fazer uma analogia entre o modo imagem e pensamento e o modo linguagem verbal e linguagem, baseado no livro de Vygotsky: *Pensamento e Linguagem*. Em um seminário apresentado por Gisele Gama, na disciplina *Linguagem e Ensino* do curso de Mestrado, para representar a discussão *Pensamento e Linguagem* de Vygotsky foi aplicada a seguinte dinâmica. Foram escolhidas quatro palavras de um mesmo campo semântico: polícia, guerra, bandido, violência. Papéis com uma das quatro palavras foram distribuídas a cada um dos alunos e foi solicitado a eles que não mostrassem um ao outro. Cada um deveria ler sua palavra e escrever a primeira imagem que lhe viesse à cabeça ao ler a palavra. A idéia de escrever é que o que cada um falasse não influenciasse o próximo a dizer algo parecido. Após todos terem feito isso cada um deveria mostrar sua palavra e dizer a imagem que lhe veio à mente. O interessante é que alunos que receberam a mesma palavra descreveram imagens parecidas ou totalmente diferentes e alunos que receberam imagens diferentes algumas vezes relataram imagens muito parecidas. Muitos descreveram imagens complexas e outros, imagens mais simples. E assim, pudemos afirmar que quando alternamos de modo para outro, ou seja, da linguagem verbal (oral ou escrita) para a imagem, não há total projeção de elementos de uma na outra. Sem dúvida, há perda de elementos, de significado nesta mudança.

2.3.3. Multimodalidade na Teoria e no Ensino

Houve, primeiro, uma mudança física nos meios de comunicação (mídias) e, posteriormente, nos livros didáticos. Os livros didáticos e os materiais didáticos

²⁷ Tradução livre para “New Media Age”.

seriam os precursores no uso de imagens no ensino. Em seguida, houve uma mudança na comunicação e na produção através desses meios. Os meios de comunicação mudaram, mas não o senso comum. Imagens no ensino são privilegiadas nos primeiros anos de educação e ao passo que os alunos avançam nos níveis de ensino, as imagens são deixadas de lado até que abandonadas por completo. Os textos multimodais são uma realidade nos meios de comunicação e nos livros didáticos. Teóricos da comunicação e da linguística se preocuparam em reteorizar para dar conta da nova realidade nos textos e na comunicação, mas e o preparo de professores e alunos para produzir e entender esses novos textos, nos quais a imagem tinha ganho destaque? Apesar da mudança nos meios de comunicação e no acesso à informação (seja via propaganda, internet, ou jornais e revistas), e da renovação das teorias de comunicação para dar conta destes novos textos, o ensino do entendimento e da produção de textos multimodais tem tido pouca ou nenhuma atenção sistemática no currículo. Tanto Kress quanto Lemke identificaram a mesma falta de atenção, respectivamente, no Reino Unido e Nos Estados Unidos:

“ Kress tem lamentado a falta de perspective orientada para o future no currículo nacional do Reino Unido e Lemke tem apresentado preocupações similares sobre o currículo escolar nos Estados Unidos²⁸”

Essa pouca ou nenhuma sistematização do trabalho com textos multimodais na sala de aula não é novidade também aqui no Brasil. Segundo Sara Oliveira, os professores de língua parecem não ter incluído a multimodalidade nas suas aulas. No entanto, quando isso acontece os alunos parecem não se darem conta da seriedade desse trabalho. Segundo a autora, embora o uso da imagem seja intenso fora do ambiente escolar (jogos eletrônicos, publicidade, entretenimento, celular), ela afirma que a sistematização de seu uso, para fins pedagógicos no currículo, ainda é incipiente. A tradição do texto linear ainda é fortíssima.

²⁸ “Kress has lamented the lack of ‘futures’ oriented perspective in the national curriculum in the United Kingdom and Lemke has reflected similar concerns about school curricula in the United States.” Unsworth, 2001

“Sem dúvida, em termos curriculares, o conceito tradicional de texto linear ainda é o dominante, tanto nos conteúdos curriculares quanto entre o próprio alunado, onde o letramento ainda está predominantemente centrado na conceituação tradicional de texto. Por outro lado, a imagem, em sala de aula, costuma ser aceita como a representação simples e estática da realidade. Seu status é secundário, ou seja, o aluno ao ler o texto acadêmico encara o linear como texto e a imagem como apenas apêndice ilustrativo do texto.”²⁹

O forte apelo da tradição em que a imagem é acessória e dispensável é recorrente na escola. Nesta tradição, a relação texto- imagem é sempre de redundância e com o objetivo de atrair a atenção e o interesse do aluno. No entanto, essa visão primitiva continua se perpetuando, seja na Europa, nos Estados Unidos, ou no Brasil, como, identificado nas citações apresentadas acima. Seria porque a ascensão da Linguística ao patamar de ciência se amparou justamente na independência da Língua de outros modos não verbais? A dificuldade em si dos discentes e docentes darem importância aos modos não verbais que tornam os textos multimodais neste estudo é irrelevante, mas é importante saber como docentes e discentes estão tratando esses recursos em sala de aula, pois apesar de muitos não utilizarem métodos sistemáticos de análise e ensino desses recursos, eles existem. O apelo comunicativo multimodal dos meios de comunicação é uma realidade que precisa ser enfrentada pelos alunos, mas eles estão preparados. Como prepará-los?

²⁹ Oliveira, 2006